

## **TEXTO PROFERIDO NO SEMINÁRIO “INCLUSÃO, EDUCAÇÃO E AUTODETERMINAÇÃO”**

*Fui criança num tempo em que, na escola, só se podia ser de uma maneira. Nem canhoto se podia ser naquele mundo de gente necessariamente escorreita a preparar-se para a vida. Diferenças, se as havia, era entre espertos e burros, e a medição das inteligências fazia-as a menina-de-cinco-olhos, tão mais voraz quanto menor fosse a prontidão na resposta para os diversos problemas de aritmético rigor. Concedo que um mundo de espertos e burros seja mais fácil de descodificar do que um mundo em que a chamada inteligência seja encarada como um mero instrumento de percepção de contextos, e conseqüente integração de cada ser humano no novelo que é conhecido pelo nome de sociedade. Um mundo de espertos e burros é como um mundo de pobres e ricos, ou um de sortudos e de azarados - cada qual é para o que nasce e contentemo-nos, pois, com a graça de por cá andarmos. No meu tempo de escola a lei suprema era a do destino, comandado por deus nas alturas e Salazar cá por baixo, literalmente em baixo, uma vez que por volta da minha terceira classe o governante caiu de um banco e parece que foi isso que o matou. Era o seu destino.*

*Na rua aprendiam-se coisas. A rua que era outro lugar para além da escola, ainda sem estes luxos da modernidade a encher de betão cada metro quadrado de lucro imobiliário em que só se pode ser de uma maneira – dois pés em duas pernas à prova dos automóveis nos passeios, dos buracos na calçada, dos lancis, das obras do gás natural e da fibra ótica e do coletor. Não vem agora ao caso. Mas estava eu a falar da minha rua e do que lá aprendi para que agora, nesta sessão do Seminário, possa partilhar convosco o modo como entendo e como tenciono cumprir as*

*minhas obrigações na promoção da inclusão num ambiente de vivência do cotidiano. Na minha rua havia o Bubá, que nasceu, cresceu e vive ainda com um atraso mental que o manteve criança durante toda a minha infância e juventude. Cedo percebemos – e éramos uma dezena, os miúdos da minha rua – que o Bubá não era como nós. Por exemplo, não ia à escola, o que não significava, naquele tempo de início de obrigações escolares e sociais, uma desvantagem do nosso amigo em relação a nós. O Bubá não ia à escola – que sorte! E movia-se com mais dificuldade do que qualquer de nós, mas o suficiente para desempenhar o posto de guardanets na baliza sem redes cujos postes se resumiam a duas pedras distantes três passos entre si. O nosso amigo não sabia andar de bicicleta, mas era o sinaleiro naquela cidade de avenidas de giz e ruas debruadas a pedrinhas. O Bubá era um de nós. Melhor: naquela comunidade de miúdos à solta depois de fazer os deveres e até à hora de jantar, a sua condição foi-nos educando a capacidade de nos aceitarmos mutuamente naquele que é o território mais sério de todas as infâncias – o território da brincadeira.*

*Um dia, já adolescente, descobri que o nosso amigo gostava de música. Gostava sobretudo das canções do Zeca Afonso, ouvidas numa rádio que já não passava as xaropadas do Artur Garcia e em que ainda não passavam as obras-primas da estética "pimba". Ouvia as cassetes que eu lhe gravava e ia-me dando instruções acerca das canções que queria conservar e das que dispensava. Naquele tempo de há trinta e muitos anos, o Bubá era, de todos os adolescentes da minha rua, o único com quem eu tinha afinidades musicais.*

*Todos somos, apenas e tanto, aquilo que vivemos e o afeto que recebemos (e damos). Por isso é que para mim, como, creio, para cada um de vós, dizer inclusão nunca é nem pode ser dizer dar licença, nunca significa nem pode significar altruísmo, bonomia, caridade. Inclusão só pode ser o*

*processo político, civilizacional e social que nos exige a capacidade de estarmos todos juntos – e com todos quero dizer aqueles que encontram na presença dos seus semelhantes a chama da felicidade - razão, afinal, de querermos estar vivos. Disse o que nos parece ser óbvio mas, de facto, não tem que ser assim. Um amigo meu, estudante numa universidade do Texas, referia-me ter assistido, ali, em ambiente de conferência sobre a implementação do serviço de saúde norte-americano, a uma dissertação acerca da pertinência da prestação de cuidados de saúde, de educação e de assistência aos cidadãos com deficiência. Um dos oradores questionou mesmo a admissibilidade do dispêndio de recursos a favor de cidadãos dos quais, segundo o conferencista, não se poderá esperar um retorno proporcional ao "investimento". Também é possível ser-se assim, mau assim, em terras em que as janelas da percepção não dão para ruas como a minha velha rua, nem para locais de trabalho como os vossos, nem para indivíduos como o meu amigo e companheiro Bubá. Há quem, neste nosso mundo confundido, ainda considere que os avanços da Humanidade não são mais do que um fator de potenciação do lucro, lá onde a economia é uma mera alavanca de institucionalização da injustiça.*

*É, portanto, de política que falamos quando falamos de inclusão. Da política que é pensamento humano num caminho civilizacional de milénios, da política geradora de decisões e de estruturas que sejam resultado das reflexões críticas e das convicções nascidas no trajeto a que chamamos História da Humanidade, essa gesta que vem transformando bondade-só em deveres e direitos de cidadania.*

*Os meus filhos cresceram num mundo melhor do que o meu. Tão diferente que nem eu, que sou professor neste tempo, disso tinha dado completa conta. E um dia, pensando ter cumprido o dever de pai ao adquirir uma tesoura para os trabalhos escolares, foi-me, por eles, dito que tinha*

*comprado uma tesoura para canhotos. Naquele momento de incompetência paterna apercebi-me - e fiquei feliz! - de que todas as coisas podem estar à disposição de todos na medida em que soubermos adaptar a ferramenta à mão que a maneja. É por isso mesmo que temos procurado, neste Conservatório, criar caminhos diferenciados para a educação artística em ambiente de ensino especializado, como forma de cumprir cabalmente as funções administrativas e pedagógicas que nos estão confiadas.*

*Foi por isso que nos propusemos acolher, neste espaço, práticas educativas relacionadas com a arte dos sons e, no futuro, uma vez consolidado este percurso, com a arte dos gestos. O primeiro passo foi o acolhimento de uma experiência educativa proposta pela associação “Olhar 21” e dirigida por uma docente de música do Agrupamento de Escolas Dra. Maria Alice Gouveia, na qual se leva a cabo uma prática continuada de integração de crianças com necessidades educativas especiais. E no ano passado iniciámos um outro projeto de educação artística a que se deu o nome de “Ouvir Partilhar Sentir Crescer”, que juntou vontades da APCC, da APPACDM, da ACAPO, da APPDA e da ANIP, e contou com a colaboração do Centro de Emprego de Coimbra.*

*Tem-se a ideia de que a Música é uma excelente chave para os caminhos do cérebro. Será. Mas a Música, como qualquer das Artes, só serve mesmo para alguma coisa se a deixarmos ser ferramenta de conhecimento do mundo, e de transformação da realidade. Um dia, numa aldeia de Penacova, um jovem surdo-mudo colocou debaixo do queixo o meu violino, e passou o arco pelas cordas. Sorriu deliciado e prosseguiu aquele jogo de procurar nas quatro cordas sons graves e agudos, curtos e estendidos, sussurros e quase-gritos. Confirmei, ali, que a natureza deu aos humanos muito mais do que apenas a audição para que pudessem perceber a*

*vibração dos corpos; e que a música, podendo ser chave das portas da inteligência, consegue também abrir as portas das emoções.*

*Os jogos de inteligência e emoção, de atenção e de criatividade a partir dos sons dessa linguagem a que chamamos música, são a matéria - o barro, dito de outra maneira - que moldamos nas aulas do projeto de que aqui vos falo. Entre Outubro e Julho do passado ano letivo passaram pela sala de música, em cada semana, cerca de 50 crianças, jovens e adultos com déficit de visão, de audição, síndrome de Down, autismo, paralisia cerebral. Para cada um sua abordagem, sua motivação artística, sua maneira de apreender e produzir sons e silêncios, ritmos e notas musicais, cantigas e texturas sonoras, ruídos e frases musicais. Não descobrimos ali nada que não esteja a ser feito – muitas vezes bem feito – um pouco por todo o mundo e aqui mesmo, na nossa cidade. A nossa originalidade, sabendo-se que cada ser humano é único e irrepetível, consiste em queremos pegar na realidade que fomos construindo nos dois projetos de que falei, para a cruzar com a nossa realidade escolar de ensino especializado. É que na nossa missão de educar músicos para um ambiente académico e laboral exigente e competitivo distraímos-nos, não poucas vezes, da urgência em educar para a autodeterminação e para a inclusão de todas as diferenças.*

*Seja como for o projeto arrancou, desenvolveu-se, divulgou-se, chegou aos ouvidos de outros pais que gostariam que os seus filhos usufruíssem daquilo que ouviram dizer que vale a pena.*

*É da natureza dos humanos ser a sede mais difícil de suportar se algum dia se bebeu de fresca fonte. Por isso não vamos desistir de acolher neste Conservatório os jovens portadores de deficiência que aqui soubemos aprendizes de artista numa escola de artes. Este mundo já não é o de ontem: se fosse hoje o Bubá já iria à escola comprar tesouras deixou de*

*ser tarefa ao alcance de qualquer um, a educação artística deixou de ser território privado de raros talentos. Por isso, estamos empenhados em dar serventia aos dias que nos foram dados para viver, usando o que de melhor – e foi já tanto – a História colocou ao nosso alcance.*

*Este é o tempo em que a Arte desceu já do pedestal e circula entre nós – precisada de todos nós - para ser enxada de inclusão e chão de vivência do quotidiano. Contem connosco, porque nós já não prescindimos da vossa presença.*

*Manuel Pires da Rocha*

*Diretor do Conservatório de Música de Coimbra*

*28-09-2013*